

EXERCÍCIOS ILUSÓRIOS

OSVALDO RODRIGUES

EXERCÍCIOS ILUSÓRIOS



© *Oswaldo Rodrigues*

Projeto gráfico: *Alonso Alvarez*
Revisão: *Rafael Barbosa*

Ilustração da capa: “Três garrafas de cerveja”, serigrafia digital inspirada em “Three Coke Bottles” de *Andy Warhol*

Ilustração da página 10: *Pedro Takahaski Fernandes, 12 anos*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
(Elaboração: Aglaé de Lima Fierli, CRB-9/412)

Rodrigues, Oswaldo.
Exercícios ilusórios / Oswaldo Rodrigues – São Paulo: Ficções, 2011.

ISBN: 978-85-62226-11-3

1. Literatura brasileira – Romance. 2. Romance brasileiro
3. Ficção brasileira I. Título.

R614e

CDD – B869.3

Índice para catálogo sistemático:
Literatura brasileira: Romance B869.3
Romance Brasileiro: Literatura B869.3
Literatura brasileira: Ficção B869.3

2011

Direitos de publicação reservados à
FICÇÕES EDITORA LTDA.
rua Corrêa Galvão, 57
01547-010 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3881-4094
www.ficcoes.com.br | editora@ficcoes.com.br

SUMÁRIO

EXERCÍCIOS ILUSÓRIOS

PRIMEIRO EXERCÍCIO ILUSÓRIO ACIMA DE TUDO	18
SEGUNDO EXERCÍCIO ILUSÓRIO LENTE LÚDICAS	20
TERCEIRO EXERCÍCIO ILUSÓRIO IMAGENS DISTORCIDAS	21
QUARTO EXERCÍCIO ILUSÓRIO FOGO NO CHAPÉU	25
QUINTO EXERCÍCIO ILUSÓRIO SORRISO DESCOLORIDO	27
SEXTO EXERCÍCIO ILUSÓRIO PURA IMPRESSÃO	30
SÉTIMO EXERCÍCIO ILUSÓRIO IMPOSSÍVEL PREVER	32
OITAVO EXERCÍCIO ILUSÓRIO HORAS DESENCONTRADAS	34
NONO EXERCÍCIO ILUSÓRIO MILAGRE DESFEITO	36
DÉCIMO EXERCÍCIO ILUSÓRIO BOLA ENCANTADA	40
DÉCIMO PRIMEIRO EXERCÍCIO ILUSÓRIO OUVINDO DEMAIS	42
DÉCIMO SEGUNDO EXERCÍCIO ILUSÓRIO BOLA LENTA E BALA RÁPIDA	46
DÉCIMO TERCEIRO EXERCÍCIO ILUSÓRIO ÓRFÃOS DUPLICADOS	51
DÉCIMO QUARTO EXERCÍCIO ILUSÓRIO LUMINOSIDADE ESCURA	55
DÉCIMO QUINTO EXERCÍCIO ILUSÓRIO DIAPASÕES DISPERSOS	59

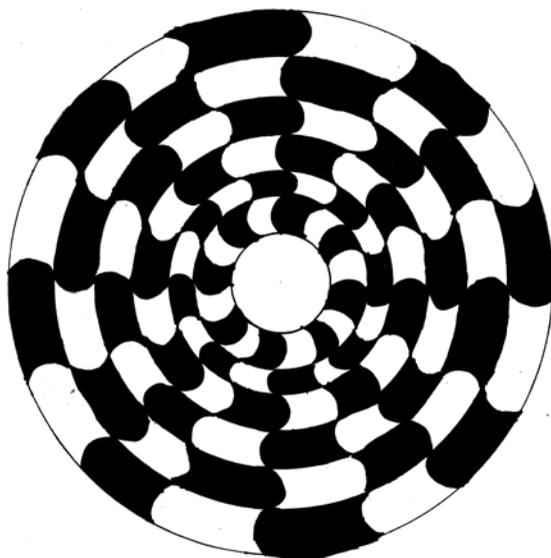
VENDENDO ILUSÕES

PRIMEIRA ILUSÃO TUDO PELOS ARES	64
SEGUNDA ILUSÃO 180 GRAUS	75
TERCEIRA ILUSÃO SEM FUTURO	82
QUARTA ILUSÃO DOIS EM UM	97
UMA HISTÓRIA UTÓPICA BANANA EM PÓ AS ILHAS	103 105
SOBRE O AUTOR	109

*“Estamos destinados a, um belo dia,
perder a pessoa que amamos. E quem
não aguentar o golpe, paciência! Não
é um homem de caráter.”*

Sándor Márai

Para meu filho Pedro Takahashi Fernandes



EXERCÍCIOS ILUSÓRIOS

Oswaldo Rodrigues ouve atentamente as histórias que lhe foram contadas por Ludoman Orni enquanto tomavam várias cervejas. Através dos sons dos relatos de Ludoman, o autor viaja juntando fragmentos da realidade e fantasias. A vontade do seu personagem de transformar-se em escritor faz do autor um caçador de seres bizarros, sensíveis, imaginários, amargos, como ele mesmo, mas, sobretudo, humanos.

Ludoman certamente tem medo de escrever suas quatro histórias previamente concebidas em sua memória e, para que isso aconteça, começa por criar pequenos textos que descreve como exercícios ilusórios. Nessas curtas histórias, Ludoman solta sua imaginação, fundindo realidades e utopias, ao mesmo tempo em que relata a história de sua vida.

Ao final de completar seus escritos, exercícios ilusórios, Ludoman Orni acha-se preparado para redigir: TUDO PELOS ARES, 180 GRAUS, SEM FUTURO, DOIS EM UM. Larga seu emprego de vendedor e dedica-se, de corpo e alma, aos relatos de VENDENDO ILUSÕES. Ludoman cumpre seu objetivo ao juntar-se com Lívia, para, a dois, lançarem um único livro.

Conduzido que foi a essa realização de seu personagem, Oswaldo Rodrigues conclui também seu primeiro romance: EXERCÍCIOS ILUSÓRIOS.

Lembro-me perfeitamente daquela noite em que tomávamos algumas cervejas na padaria do bairro, eu e o Ludo. Com que naturalidade contara-me o que lhe ocorrera recentemente. Por vezes, sua voz elucidava uma primavera sem flores, descolorindo as palavras à medida que o tom oscilava entre o desespero e a reflexão. Apesar de isso ser natural, estava, de certa maneira, perturbado. Sua fala, algumas vezes, denunciava um certo ar de dramaticidade. Os olhos continham cortinas de neblina que escondiam um choro sem fim. Ele, uma figura divertida e extrovertida, naquela noite, mantinha-se grave, soturno, assustado. Vou contar um pouco da sua história, dos seus sentimentos, das suas reflexões, dos rumos de sua vida.

Ludoman Orni não conseguia acreditar na realidade nua e crua que lia e, quanto mais lia, mais espantado se sentia. Lia como se estivesse sendo atirado para o fundo escuro de um poço e, à medida que seus olhos percorriam as linhas das páginas daquele caderno, parecia que estava penetrando numa caverna escura, fétida, e que os morcegos que nela habitavam não viam a hora de sugar seu sangue, que, agora, jorrava debilmente de seus poros.

Ficou de pé e percebeu que suas pernas bambeavam. Ao olhar para o chão, viu com que profundidade ele se abrira. Não conseguia andar em linha reta. O pé direito ia para esquerda; o pé esquerdo queria ir para a direita. Sabia que, com isso, o rumo de seus passos, a partir daquele momento, não teria mais direção precisa e que o balé da vida impunha-lhe uma dança desconjuntada, desajeitada. Era preciso saber qual a dimensão exata do estrago. Estava estrábico. Os olhos piscando ininterruptamente diante daquele caderno.

Era o inferno queimando sua alma com toda a cor do vermelho, e vermelhos seriam seus olhos talvez para sempre. Sempre que se lembrava, em segundos-relâmpago, do que lera, lentamente seu corpo estremecia. Era como se apalpassem sua carne e sentisse só fogo e formigamento.

Ele atribuía o sentido daquilo tudo ao fato de estar sofrendo de uma forte febre, que considerava ilusória, algo de engano: somente um copo de veneno colocado sobre a mesa para a pessoa errada. Errado, na verdade, estava ele por acreditar que tudo o que estava escrito naquele caderno era um erro de ortografia; talvez fosse uma fotografia tirada de um ângulo erroneamente proposital, ou, talvez, a câmara estivesse com defeito. Nada feito, o efeito era real. As palavras eram reais. A tinta impregnada nas páginas daquele caderno era real e, se por acaso fosse molhada, borraria. Porém o sentido de quem escrevera ficaria manchado e não seria apagado de sua intenção: separação.

A ficha de Ludoman Orni ainda estava presa na máquina de seu cérebro, até então não havia caído. Caído estava ele diante de, nada mais nada menos, o que chamamos frustração. Aquilo era fruto do desgaste das peças de uma engrenagem que não se encaixavam mais. O óleo conciliador que havia preparado, semanas antes do que estava lendo agora, já tinha escoado lentamente para o ralo do abandono.

Era isso que sua consciência, sem razão, não conseguia enxergar. Havia um gosto de ausência, de abandono no ar, que há muito o abanava, tal qual as folhas de um coqueiro, em uma praia qualquer do deserto nordestino, que aos poucos vão sendo enterradas pelas areias das dunas. Navio à deriva, gritos dentro de sua cabeça em coro ecoavam, e a dança dos ventos que balançavam seu corpo, ora em extrema debilidade, em direções imprecisas.

Não conseguia uma posição que lhe permitisse o sossego. Não se sentia confortável sentado, agitava os braços ao andar.

Na verdade, queria mesmo era se safar da situação de desconforto, correr para longe daquela areia movediça. Passava pelos móveis imóveis da sala como se não existissem, e a sala estivesse vazia. Ludo tinha a nítida sensação de que as paredes iriam cair sobre ele a qualquer momento. Sentia que, em seu cérebro, havia fios partidos, há muito tempo desligados; alguns *chips* estavam soltos, como as pipas que empinara no azul-claro do céu de sua infância.

Saltou para perto da estante de livros e de lá retirou um. Releu uma frase que há muito girava em sua memória como uma metralhadora: “Escrever também é doloroso, mas não dói tanto quanto viver entre pessoas.” (Sándor Márai). Como num estalo lento e preciso, percebeu que aqueles *chips* soltos, aqueles fios desligados, num estado consciente, retomavam, aos poucos, seus devidos lugares. Estavam novamente se encaixando, conectando-se, ligando-se e, num acesso incontrolável, retirou todos os quadros que estavam pendurados e começou a escrever frases nas paredes brancas do apartamento. Ludoman fez isso por mais de uma hora, até que todas as paredes estivessem repletas de escritos. Deu-se conta de que o que lera naquele caderno deixado sobre a mesa da sala naquela tarde sinistra e tudo aquilo que vivera até então dariam, com presciência, o romance que de sua cabeça havia se apagado pelas mesquinhas de convivências ilusórias. Romance? Contos? Na verdade, ele não sabia precisar que gênero literário iria produzir.

Havia ali, nas páginas de tarjas azuis iniciais daquele caderno, uma bomba explosiva; um pequeno *tsunami* no coração; uma longa viagem a um universo obscuro e confuso.

Naquela noite, enquanto conversava com seus botões sobre questões do seu espírito, lá fora o céu desabava em uma chuva torrencial. Chuva de puro granizo. Ele olhou da janela para o pátio interno do prédio onde morava, saiu do apartamento, desceu alguns degraus e começou a comer cada uma das pedras de granizo que conseguia pegar. Degustava-as uma a uma, e, a cada pedra consumida, consumia-se sentindo que sua alma levitava.

Elevava-se em puro estado de leveza. Lambia as pedras e, ao lambê-las, sentia-se puro como a água cristalizada. Cristalizava seu corpo deitando-se em nuvens espessas e brancas, tão brancas quanto seu coração espantado.

Ludoman Orni, eu o conhecia muito bem. Nascera predestinado a vender. Perplexo diante da leitura das páginas daquele caderno, assombrado e desnortado, decidiu que venderia ilusões, sonhos, utopias e o que mais lhe desse na telha. Não por acaso, e de imediato, destinou-se à quantidade de

ilusões de acordo com as tarjas coloridas daquele fatídico caderno: quatro cores, quatro histórias. As vontades, as ideias, as ilusões, todas já traziam pequenas manchas coloridas, manchas nas quais se traduziam em seu cérebro. A princípio, a relação cor-história não o preocupava, nem ocupava espaços imprescindíveis em seus pensamentos, os quais, atordoados, mantinham-no distante da realidade: algo entre o preto e o branco.

Ele teria de se preocupar em vendê-las. Agora o desafio tinha um nome: ilusões. Pensou: Quem, na verdade, que vendedor levaria, dentro de sua pasta de trabalho, cartões de visita nos quais estivesse escrito: Fulano de Tal – Vendedor de ilusões? Evidentemente, seria visto como um louco, ou talvez como um grande gozador.

Pensou, pensou e concluiu que valeria a pena pelo menos tentar, dado o fato de seu histórico de sucesso em suas atividades até então. Então, por que não?

Quais seriam os perfis de suas vítimas-clientes a serem ilusionadas? A razão teria que, inicialmente, vencer o trauma que se instalara em seu coração. A superação do ser em si, do homem que dispara contra a angústia, balas de bom senso.

Pelo que eu conhecia do Ludo, ele tiraria de letra toda essa situação pela qual estava passando: os sufocos no coração, os desgastes emocionais, sua mudança de moradia, seu isolamento, suas questões da alma.

Havia apenas sua pasta preta de couro e a branca esperança de vender ilusões.

Iniciou seu trabalho naquela manhã de fevereiro como o faria em qualquer dia comum. Sentia-se também comum como qualquer homem comum. Enquanto esperava para ser atendido, notara, pendurado em uma das paredes da recepção daquela indústria farmacêutica, um pequeno quadro em acrílico, suspenso por dois finos fios de aço, com o seguinte texto:

“A propaganda é a alma do negócio.” Um antigo clichê muito em moda em épocas passadas, mas, ainda hoje, por vezes, mencionado, embora com menor força.

Venderia tudo: ilusões, verdades, meias-verdades e, cá entre nós, às vezes, até algumas inverdades, mas, talvez, principalmente, venderia sonhos, como no exemplo abaixo: “Quantas mulheres de peregrina beleza devem ao creme Rugol o viço, o frescor e os encantos da mocidade?” Quem não gostaria de adquirir esse sonho?

Estava ali, naquela manhã, naquela indústria farmacêutica, para vender produtos reais, produtos funcionais, quando se deparou com a possibilidade de vender também o ilusório. Permaneceu, ao longo do tempo de espera na-

quela recepção, pensando no paradoxal da situação: o real de estar prestes a vender produtos reais e a ilusão de poder vender sonhos.

Vivia sozinho em um modesto prédio de apartamentos. Seus hábitos eram os de um homem comum dedicado ao seu trabalho cansativo e estressante, o qual, porém, fazia com prazer. Ele realmente gostava da sua profissão, a qual, por necessidade, lhe proporcionava a oportunidade de ter bons relacionamentos, de estar, na maior parte do tempo, disponível, bem-humorado, bem-disposto, flexível e de ser atencioso. Não poupava esforços para, da melhor maneira, atender seus clientes, o que se afinava por demais com sua personalidade.

Ocupava parte do período noturno fazendo seus relatórios diários de visitas aos clientes, porém, a partir da manhã em que lera aquelas citações fixadas na parede da recepção daquela indústria farmacêutica, decidiu também incluir nos relatos, como ensaio, pequenos textos ilusórios. Algo bem paradoxal, na verdade, para alguém que se ocupava de relatos reais, matérias da realidade presente do cotidiano. Parecia-lhe algo um pouco estranho, mas não abriu mão de tal intenção e pôs mãos à obra.

Certa noite, Ludoman Orni estava às voltas com suas recordações e, remexendo em seu passado, encontrou, dentro de uma caixa, um cartão-postal que recebera de seu amigo Jacó, o qual lhe fora enviado de Nova York. O postal continha a representação de um dos quadros de René Magritte, “Golconda”, de 1953. Ele deixou o postal de lado sobre sua mesa de trabalho e retirou da estante um livro de arte sobre Magritte. Deteve-se por alguns minutos a contemplar a reprodução do quadro “Hegel’s Holiday”, de 1958. Pegou novamente o postal, colocou-o em cima da página aberta do livro e escreveu sua primeira visão ilusória.

PRIMEIRO EXERCÍCIO ILUSÓRIO ACIMA DE TUDO

Passarinho conseguiu um manual de fabricação de guarda-chuvas. Estudou-o com muita atenção e precisão. Gastou várias horas falando ao telefone com um senhor proprietário de uma loja de consertos de guarda-chuvas no centro da cidade. Após explicações detalhadas daquele senhor, decidiu fabricar seu próprio guarda-chuva. Era de tamanho grande. Todas as vinte varetas que compunham a armação eram de aço inoxidável de alta resistência, que lhe permitiam uma envergadura concisa, inquebrável, indestrutível. Tanto a vara central quanto o canudo que permitiam abrir e fechar o guarda-chuva também eram de aço inox. Os rodízios presos às varetas eram de UHMW. A mola posicionada na vara central foi confeccionada com aço temperado e maleável. O cabo, também de inox, foi fixado no final da vara central, em forma de T invertido. A cobertura era amarela; e o tecido, Kevlar, extremamente resistente às intempéries, aos cortes, ao fogo etc. As costuras do tecido de cobertura, fê-las de várias linhas coloridas, dando ao conjunto todo um lindíssimo visual.

A ilusão era, portanto, real. Paciente, Passarinho aguardava poder ilusionar-se. Para tanto, dependia tão-somente do tempo, da atmosfera. Necessitava que, no ar, houvesse ventos moderados.

Na manhã seguinte ao seu laborioso trabalho, o céu acordou escurecido, carrancudo, com moderada ventania. Preparou-se, saiu para a rua com sua engenhoca, seu enorme guarda-chuva amarelo. Já na rua, deslizou para cima o canudo, correndo-o suavemente na vara central, pressionando totalmente a mola até por fim travá-lo, deixando-o completamente aberto. Dois minutos depois, já estava sem os pés no chão. Passarinho pairava literalmente no ar acima dos pedestres, dos carros, dos ônibus, das motos, dos caminhões que trafegavam pelas ruas e avenidas. Foi conduzido no ar pelos ventos moderados a uma altura de mais ou menos cinquenta metros acima do chão.

Por alguns quarteirões, apreciou, lá de cima, pessoas boquiabertas; carros freando bruscamente; janelas de edifícios erguidas às pressas; pessoas que se chocavam umas contra as outras nas calçadas; e até um rapaz chocando-se com sua bicicleta em um poste de energia elétrica. Por alguns bons minutos, Passarinho divertiu-se para valer nas alturas. Admiravelmente belo, o guarda-

chuva assemelhava-se, visto de baixo, a um balão em sua tentativa de perfurar com seu intenso amarelo o imenso azul do céu. Outros tantos minutos depois, a ventania diminuiu de intensidade, dissipando-se. Ele pôde, numa sensação de leveza, pousar tranquilamente na calçada. Passarinho fechou, então, seu enorme guarda-chuva amarelo, retornando em seguida para seu apartamento.

Neste momento, tocou o interfone, e Ludoman Orni foi atendê-lo. Nada importante.

Voltou a escrever seus relatórios de visitas habituais. Concluiu-os e foi dormir. Na manhã seguinte, ao acordar, sentiu-se diferente, mas não sentia a mínima vontade de sair para visitar rotineiramente seus clientes. Sentia sim, uma vontade de exercitar-se de mais ilusão. Tomou tranquilamente seu café instantâneo, comeu algumas torradas e não teve interesse em reler seu primeiro exercício ilusório. Ao retornar para sua mesa de trabalho, deparou-se com seus óculos pousados inertes, olhando-o com olhares de desafio, como quem quer saber o que vai acontecer. Ele sentiu o recado com clarividência. Sabia da armadilha que sua imaginação tecia em seu cérebro e pôs-se a exercitar-se novamente em seus vislumbres ilusórios.